



LIVRO DE ROMANOS

COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 9



Pr. Lúcio Mauro Silva Lima



COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 9

9:1

“Em Cristo digo a verdade, não minto (dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo):”

Paulo começa com uma afirmação tríplice, diga-se também fortíssima, cuja intenção é colocar sua sinceridade acima de qualquer questão e persuadir os seus leitores a acreditarem nele.

“Em Cristo digo a verdade”. Paulo tem plena consciência do seu relacionamento com Cristo e da presença de Cristo em sua vida.

“Não minto”. Uma contrapartida negativa, ou seja, Paulo não está sequer exagerando.

“Dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo”. Ele sabe que a consciência humana é falível e culturalmente condicionada; no entanto, afirma que a sua é iluminada pelo próprio Espírito da verdade.

E que verdade o apóstolo afirma com tanta veemência? Trata-se do amor que ele sempre alimentou por seu povo, o povo de Israel, que rejeitou a Cristo.

Por que Paulo é tão incisivo ao afirmar que está realmente falando a verdade?

A resposta é que o apóstolo já expressara a sua opinião acerca dos judeus em linguagem nada lisonjeira (*“Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus.”* 2.5, 17-24; I Ts 2.14b-16). Portanto seus patrícios poderiam facilmente chegar à conclusão: *“Paulo nos odeia”* (*“Homens israelitas, acudi! Este é o homem que por todas as partes ensina a todos a ser contra o povo, contra a lei, e contra este lugar. Além disto, introduziu também no templo os gregos, e profanou este santo lugar.”* At 21.28s.; 24.5s.). Nada, porém, poderia estar mais distante da verdade. Isso explica por que Paulo considerava necessário declarar (v.2) que a incredulidade de Israel e consequente rejeição era para ele, de fato, um fardo pesado.

9:2

“Que tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração.”

Paulo está profundamente comovido quando dita estas palavras (Tércio). A tristeza (*lupe*) de seu coração é grande ($\mu \epsilon > \gamma \alpha \sigma$) em sua intensidade, profunda em sua natureza, equivalente a nada menos que angústia (*odune*), e



incessante (*adialeiptos*) em sua duração. Tudo isso reflete a gravidade envolvida na incredulidade de Israel.

9:3

“Pois eu mesmo desejaria ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus compatriotas, segundo a carne.”

Tão profunda é a tristeza, resultante da incredulidade dos judeus que Paulo declara que se fosse possível (o tempo verbal indica essa leitura) ele desejaria ser amaldiçoado (*anáthema*=separado, eliminado. Designação dada pelos povos semíticos da antiguidade às ofertas, ou sacrifícios dedicados aos deuses, adquirindo o aspecto negativo, pelo fato das referidas ofertas serem consumidas ou destruídas quando entregues á divindade).

O sentimento de Paulo nos lembra as comoventes palavras de Moisés, quando intercede por seu povo: *“Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste.”* (Ex 32.32). Mas, acima de tudo, ela fixa nossa atenção em Cristo aquele que realmente se fez o substituto de seu povo.

Nessa passagem Paulo indubitavelmente prova quão maravilhoso missionário era, quão ardentemente desejava salvar os perdidos.

9:4

“São israelitas. Pertencem-lhes a adoção de filhos, a glória, as alianças, a lei, o culto e as promessas.”

A angústia do apóstolo em face da incredulidade de Israel é ainda mais intensa quando ele considera os privilégios inigualáveis que Deus concedeu a seu povo.

“São israelitas”. São descendentes de Jacó, cujo nome foi mudado para Israel (aquele que luta com Deus). Os nomes Israel e israelitas, eram títulos de honra (Jo 1.31, 47,49;3.10;12.13). A honra associada ao nome Israel é também refletida em expressões de Pedro e Paulo no livro de Atos (2.22;3.12;13.16).

“Pertencem-lhes a adoção de filhos”. Foram contemplados com o elevado privilégio, a sublime honra de ser adotados como o PRIMOGÊNITO DE DEUS (Ex 4.22), SUA POSSESSÃO PECULIAR (Ex 19.5), SEU FILHO (Os 11.1), SEU POVO, SEU ESCOLHIDO (Is 43.20).

Entretanto essa adoção de Israel deve ser distinguida daquela que é referida como o ápice do privilégio da nova aliança (Rm 8.15: *“Pois não recebestes o espírito de escravidão para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai!”*). Isto se evidencia em Gálatas 4.5, porquanto ali a adoção é contrastada com a disciplina tutelar da economia



mosaica. Na época do Antigo Testamento, Israel era verdadeiramente, composto de filhos de Deus, mas filhos de menor idade (*“Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei, encerrados para aquela fé que se havia de manifestar”* Gl 3.23; *“Digo que todo o tempo que o herdeiro é menino em nada difere do escravo, ainda que seja senhor de tudo. Ele está debaixo de tutores e curadores até o tempo determinado pelo pai. Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão, debaixo dos rudimentos do mundo. Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.”* Gl 4. 1-5). A adoção garantida por Cristo, na plenitude do tempo (Gl 4.4). Consiste na filiação madura e completa, em contraste com a menoridade e tutela de Israel, sob o domínio da INSTITUIÇÃO CERIMONIAL. Esta diferença está de acordo com a distinção existente entre o Antigo e o Novo Testamento. O Antigo era preparatório, o Novo é consumatório. A adoção do Antigo era propedêutica, ou seja, preparatória ou introdutória para um ensino mais completo.

“A glória”. A palavra glória ($\delta \sigma / \chi \alpha \delta \sigma > \xi \alpha$) indica a RADIÂNCIA DIVINA, geralmente descrita como um raio de luz ou fogo, frequentemente retratada como sendo cercada por uma nuvem. Às vezes a ênfase é posta no fogo, às vezes na nuvem. Em resumo é **“A MANIFESTAÇÃO VISÍVEL DO DEUS INVISÍVEL”**, A PROVA DA HABITAÇÃO DE DEUS NO MEIO DE ISRAEL.

No Sinai, assim como na conclusão da construção do tabernáculo, a glória do senhor encheu aquele lugar (Ex 40.34). Durante as jornadas pelo deserto, essa glória se manifestou em forma de coluna de fogo e nuvem (Ex 40.36,37; 14.20). Na dedicação do templo construído por Salomão deus também se manifestou (II Cr 7. 1,2). Portanto por meio dessa glória, o povo de Israel também foi separado das demais nações.

“As alianças”. Uma referência óbvia à primeira aliança de Deus com Abraão (Gn 15.8;17.4, mas também as suas múltiplas renovações e elaborações dadas a Isaque e Jacó, Moisés (Ex 24.8) Josué (Dt 27.2) e Davi (II Sm 23.5).

“A lei”. Refere-se a promulgação da lei no Sinai, a qual foi entregue pelas “próprias mãos de Deus” a Israel constituindo-se e um privilégio inestimável.

“O culto ($\lambda \alpha \tau ρ ε ι / \alpha \lambda \alpha \tau ρ ε | \% \alpha$)”. O elevadíssimo privilégio de poder MINISTRAR OU SERVIR A DEUS, primeiro em conexão com o tabernáculo, depois com o templo, mas o significado da palavra traduzida por culto (*latreia*) significa serviço de um modo genérico.

“As promessas”. As promessas dadas aos patriarcas (Gn 17.7), bem como ao povo hebreu como um todo, incluindo-se aquelas que convergem para Cristo.



9:5

“Deles são os patriarcas, e deles descende Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém.”

Paulo acrescenta mais duas prerrogativas dos judeus.

“Deles são os patriarcas”. Abraão, Isaque, Jacó e seus doze filhos – os primeiros a receberem as promessas citadas no verso anterior, as quais em Cristo atingem seu pleno cumprimento.

“Deles descende Cristo segundo a carne”. A partir dos judeus se traça à linhagem humana de Cristo. Portanto, mais que qualquer outro povo da terra os judeus foram honrados, já que Deus, no tocante a carne, estabeleceu com eles esse laço íntimo de afinidade, ou seja, o Senhor Jesus foi e é um judeu.

Entretanto o apóstolo vai além e também declara que Cristo *“...é sobre todos, Deus bendito eternamente”*, isto é, Paulo nesta doxologia (glorificação ou hino de louvor à majestade e glória de Deus) afirma explicitamente que Jesus é Deus (Alguns estudiosos erroneamente pensam que Paulo não considerava Jesus como Deus, em função do apóstolo em seus escritos chamar o Messias majoritariamente de Senhor [*Kurios*]). Entretanto este uso do título Senhor reflete o modo comum de um judeu da época neotestamentária referir-se a Deus, ou seja, *Adonay* [Senhor]).

9:6

“Não que a palavra de Deus haja falhado. Pois nem todos os que são de Israel são israelitas.”

“Não que a palavra de Deus haja falhado”. À primeira vista se poderia pensar que a promessa dada por Deus a Israel falhou (*ekpipto*=lit. cair para fora, utilizado para descrever as flores quando murcham no curso da natureza). Afinal, Ele prometera abençoá-los; eles, contudo em sua incredulidade, perderam o direito a essa benção. Mas, se Israel fracassou, foi em virtude de sua própria opção e não devido a uma falha da Palavra de Deus.

“Pois nem todos os que são de Israel são israelitas.” Sempre houve dois tipos de “Israel”: de um lado, aqueles que o eram por descenderem fisicamente de Israel (Jacó) e, por outro lado, os que constituíam sua descendência espiritual (o próprio Senhor Jesus distinguiu entre verdadeiros e falsos discípulos [Jo 8.30-32]) e entre verdadeiros e falsos israelitas [Jo 1.47]; e a promessa de Deus destinava-se a estes últimos, os que a receberam. Já antes, nesta carta, o apóstolo fez esta distinção entre aqueles que eram judeus apenas exteriormente e cuja circuncisão estava em seu corpo, e aqueles que eram judeus no íntimo, por haverem recebido a circuncisão do coração através do Espírito (2.28s.). Embora uma promessa



maravilhosa tivesse sido de fato feita a Israel, essa promessa nunca pretendeu concretizar-se em toda a nação, mas somente no Israel genuíno. O propósito desta distinção é mostrar que a promessa das alianças, feita por Deus, não dizia respeito ao Israel segundo a carne, e sim a este verdadeiro Israel, e que, por conseguinte, a incredulidade e rejeição do povo de Israel de maneira alguma interferiram no cumprimento do propósito e da promessa da aliança de Deus. A Palavra de Deus, portanto não fora violada.

Há plena conexão entre a doutrina aqui exposta por Paulo e seu outro ensino de que os verdadeiros filhos de Abraão, são aqueles que **“andam nas pisadas da fé que teve Abraão”** (4.12). O aspecto central da doutrina recai sobre o entendimento de que as promessas não são herdadas através da descendência natural, de modo que a exclusão do Israel étnico não anula **a palavra do juramento**.

9:7

“Nem por serem descendência de Abraão são todos seus filhos. Pelo contrário: Em Isaque será chamada a tua descendência.”

O apóstolo continua a falar sobre “os de Israel” e agora traça uma distinção em termos de “os descendentes de Abraão” e “os filhos”. Os “descendentes de Abraão” equivalem à posteridade natural, ao passo que os “filhos” significam o VERDADEIRO ISRAEL que herda a promessa. O pensamento é focalizado sobre a escolha de Isaque, em contraste com Ismael; e a proposta a ser demonstrada é que a descendência natural (além de Isaque gerado por Sara, Abraão teve um Ismael com Hagar e seis outros com Ketura) não constitui FILHOS VERDADEIROS, aos quais pertencem a promessa. A escolha de Isaque, ante a exclusão de Ismael, é suficiente para comprovar essa tese. Somente os FILHOS ESPIRITUAIS herdam o caráter de Deus, a descendência natural não tem parte nesta herança.

9:8

“Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência de Abraão.”

Na exegese de Paulo filhos de Deus são aqueles que como Abraão crêem na promessa, ou seja, tem a mesma fé de Abraão, pois são da mesma semente (*sperma*), carregando as mesmas características do pai da fé (*“Responderam eles: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se fôsseis filhos de Abraão, praticaríeis as obras de Abraão” Jo 8.39.*). Na contabilidade de Deus são contados (*logizomai*=lit. contabilizados) como Filhos somente aqueles que evidenciam a mesma fé de Abraão.



9:9

“Pois a palavra da promessa é esta: Por este tempo virei, e Sara terá um filho.”

A promessa em questão é aquela feita a Abraão registrada em Gênesis 18. 10 e 14: *“Disse um deles: Certamente tornarei a ti, daqui a um ano, e Sara, tua mulher, terá um filho. Sara estava escutando à porta da tenda, que estava atrás dele. Há, acaso, alguma coisa demasiadamente difícil para o Senhor? Ao tempo determinado, daqui a um ano tornarei a ti, e Sara terá um filho.”* Isaque nasceu em cumprimento desta promessa. A fé exercida por Abraão apegou-se a esta promessa (Rm 4.19-21: *“E não enfraqueceu na fé, nem atentou para o seu próprio corpo amortecido, pois era já de quase cem anos, nem tampouco para o amortecimento do ventre de Sara. Ele não duvidou da promessa de Deus, deixando-se levar pela incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus. estando certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para cumprir”).* No caso de Ismael, não existiram tais fatores. Ele foi gerado, concebido e nasceu na força natural de Abraão (“no braço da carne”). Essa radical diferença com respeito ao nascimento desses dois filhos é resumida na palavra “PROMESSA”. Isaque era o filho da promessa, Ismael não. Esse mesmo critério é utilizado para distinguir entre os que são “de Israel” e o verdadeiro Israel, entre os “descendentes de Abraão” e os filhos verdadeiros, entre os filhos da carne e os filhos de Deus. Portanto a palavra PROMESSA sumariza o correto significado do que é ser verdadeiramente POVO DE DEUS. A “palavra de Deus” é a promessa da aliança feita por Deus, e esta não falhou porque a descendência que a promessa tinha em vista são aqueles nos quais a promessa se cumpre. Estes são os “FILHOS DA PROMESSA”.

9:10

“Não somente esta, mas também Rebeca, quando concebeu de um só, Isaque, nosso pai.”

Não foi somente no caso dos filhos de Abraão que prevaleceu o princípio anteriormente explicado, ou seja, que não foi por causa da descendência natural que os descendentes de Abraão se tornaram participantes da graça e das promessas da aliança estabelecida por Deus. Na família de Isaque o mesmo princípio também se confirmou. Se a distinção contemplada na promessa da aliança divina tivesse sido exemplificada somente no caso de Isaque, na história dos patriarcas, a proposição “nem todos os de Israel são, de fato, israelitas” não teria um apoio tão ostensivo. Poderia ser argumentado que a promessa “em Isaque será chamada a tua descendência” visava a toda a descendência de Isaque,



sem distinção. O fato de que a diferenciação torna-se operante na descendência de Isaque mostra que a mesma distinção, exemplificada no caso do próprio Isaque, continua na sua descendência. Entretanto os novos elementos no caso da família de Isaque, os quais não estavam presentes com respeito a Abraão, servem apenas para reforçar o princípio exposto por Paulo, como por exemplo, o fato de Ismael ser filho de escrava (Hagar) e não da mulher livre (Sara) como era Isaque. A discriminação que poderia parecer residir em um fator natural é eliminada no caso de Esaú e Jacó, pois ambos eram filhos de Rebeca uma mulher livre.

9:11

“Contudo, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama),”

A ênfase aqui de que a escolha de Deus não foi motivada pelas ações humanas, isto é, POR OBRAS sublinha a SOBERANIA de Deus e novamente traz a idéia de LEI e OBRAS contrastando com GRAÇA e FÉ.

9:12

“Foi-lhe dito a ela: O maior servirá o menor.”

Aqui é exposto o segundo elemento distintivo entre a escolha de Isaque e a de Jacó (o primeiro refere-se ao fato Jacó e Esaú serem filhos da mesma mulher LIVRE) que confirma o princípio da eleição de Deus ser desvinculada de ascendência natural ou qualquer outro tipo de MÉRITO. Apesar de Esaú e Jacó terem sido gêmeos, Esaú era o primogênito. A escolha de Deus foi contrária à prioridade exigida pela primogenitura. Isso ilustra ainda mais o princípio da soberania divina.

9:13

“Como está escrito: Amei a Jacó, e aborreci a Esaú.”

Ao interpretar este verso não podemos nos esquecer do contexto do capítulo, ou seja, comprovar que Israel não pode presumir que a eleição de Deus tem algo a ver com mérito humano (obras) ou ascendência natural.

Jacó e Esaú representam Israel e os edomitas respectivamente, tanto aqui em Romanos quanto do texto de Malaquias 1.2,3: *“Eu vos amei, diz o Senhor, mas vós dizeis: Em que nos amaste? Não foi Esaú irmão de Jacó? diz o Senhor. Todavia amei a Jacó, e aborreci a Esaú, e fiz dos seus montes uma desolação, e dei a sua*



herança aos chacais do deserto.” Portanto aqui está em foco a soberania de Deus quanto a escolha de um povo não a de um indivíduo.

9:14

“Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma!”

DEUS NÃO DEVE MISERICÓRDIA A NINGUÉM, pelo que não há qualquer injustiça quando a misericórdia não é demonstrada. A misericórdia é uma prerrogativa divina; repousa sobre o livre consentimento de Deus.

9:15

“Pois ele diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia.”

Este verso é na citação de Êxodo 33.19: *“Respondeu-lhe o Senhor: Eu farei passar toda a minha bondade diante de ti, e te proclamarei o nome do Senhor. Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer”*, onde Deus responde ao pedido de Moisés de que lhe fosse permitido ver Sua glória, depois da intercessão de Moisés pelos israelitas por causa do culto que haviam prestado ao bezerro de ouro. A misericórdia e compaixão de Deus não se sujeitam a nenhuma causa estranha à sua livre graça (favor).

9:16

“Assim, pois, não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece.”

A primeira negativa refere-se à vontade humana, à determinação da vontade humana; a segunda ao esforço ativo do homem. Portanto tudo depende da misericórdia ($\epsilon \theta \lambda \epsilon \epsilon / \omega$ *eleeo*= do sânscrito aquilo que corta ou lacerar) de Deus; nossa caminhada na direção de Deus não é uma realização iniciada pela escolha humana ou por seu árduo trabalho, mas uma livre outorga da graça ou favor de Deus, que sente Seu coração ser “cortado”, “lacerado” quando contempla nossa desafortunada condição pecaminosa.

9:17

“Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.”

Esta é uma CITAÇÃO DIRETA da mensagem do Senhor comunicada por Moisés a Faraó, e registrada nas Escrituras em Êxodo 9.16. O contexto da referida citação nos mostra que houve seis pragas no Egito: água convertida em sangue, rãs, piolhos, moscas, doença infecciosa no gado, furúnculos nos homens e animais. Em seguida vem mais quatro: granizo, gafanhotos, trevas e morte dos



primogênitos. Entre a sexta e a sétima pragas, Deus ordenou a Moisés que falasse a Faraó: *“Pois já eu poderia ter estendido a mão para te ferir a ti e o teu povo com pestilência, e terias sido cortado da terra; mas, deveras, para isso te hei mantido, a fim de mostrar-te o meu poder, e para que seja o meu nome anunciado em toda a terra”* (Ex 9.15,16). Em hebraico o texto citado emprega o verbo „amad (dme) que majoritariamente significa permanecer ou manter-se em pé. Portanto não há razão para interpretar Romanos 9.17 diferentemente. Assim Deus poupou Faraó com o intuito de exhibir nele seu poder, castigando a ele e seu povo. Corroborando também com essa interpretação está a tradução grega do Antigo Testamento (Septuaginta), ao traduzir o verbo „amad (dme) por preservar (diathrew *diatereo*). É fácil perceber que o endurecimento de Faraó descrito no verso seguinte, foi em decorrência de sua obstinação em não se dobrar aos claros avisos de Deus.

9:18

“Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz.”

Deus endureceu o coração de Faraó (Ex 9.12,35; 10.27; 11.10), mas não até que faraó tivesse se endurecido várias vezes: *“Porém os magos do Egito fizeram também o mesmo com as suas ciências ocultas; de maneira que o coração de Faraó se endureceu, e não os ouviu, como o SENHOR tinha dito. Vendo, porém, Faraó que havia alívio, continuou de coração endurecido e não os ouviu, como o SENHOR tinha dito. Mas ainda esta vez endureceu Faraó o coração e não deixou ir o povo.”*(Ex 7.22; 8.15,32). Assim entendemos que Deus nunca endurece o coração de alguém que antes não tenha a si mesmo se endurecido para não cumprir a vontade do Senhor. Portanto antes que Deus endurecesse a Faraó, o mesmo já havia anteriormente feito sua própria escolha de rejeitar a vontade divina. O Antigo Testamento afirma tanto a SOBERANIA DE DEUS (*“Porém o SENHOR não vos deu coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje.”* Dt 29.4), quanto à RESPONSABILIDADE HUMANA (*“Quem dera que eles tivessem tal coração, que me temessem e guardassem em todo o tempo todos os meus mandamentos, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!”* Dt 5.29).

9.19

“Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade?”

A falha da objeção do imaginário contendor de Paulo está em não distinguir entre a VONTADE DECRETIVA (secreta, misteriosa, inescrutável, inatingível) de Deus e a Sua VONTADE PRECEPTIVA (revelada). Essa dupla vontade é claramente



ilustrada por duas passagens das Escrituras: Deuteronômio 29.29 (“*As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei*”) e Lucas 22.22 (“*Porque o Filho do Homem, na verdade, vai segundo o que está determinado, mas ai daquele por intermédio de quem ele está sendo traído!*”). Assim a vontade soberana de Deus sempre se realiza, pois seus propósitos nunca são frustrados (“*Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado*”. Jó 42.2) e a nós somente nos cabe obedecer à sua vontade revelada.

9:20

“Quem és tu, ó homem, para discutires (antapokrinomai antapokrinomai= desaprovar) com Deus?! Porventura, pode o objeto (plasma plasma= obra modelada) perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?”

Paulo responde apelando ao silêncio reverente que a majestade de Deus exige de nós. No contraste entre o homem, em sua fraqueza e ignorância, e Deus, em Sua majestade, a ênfase recai sobre a palavra, *tu* – “Quem és *tu*...?” A presunção do homem transparece na arrogância de sua réplica a Deus. Deus não tem por que responder ao homem pelo que faz. Todavia, pode-se confiar que Ele age de modo coerente com Seu caráter BONDOSO, SANTO E JUSTO, revelado de modo perfeito em Cristo.

Essa passagem acerca do oleiro e sua massa de barro nos faz lembrar de várias passagens bíblicas, especialmente Isaías 45.9; 29.16: “*Ai daquele que contende com o seu Criador! E não passa de um caco de barro entre outros cacos. Acaso, dirá o barro ao que lhe dá forma: Que fazes? Ou: A tua obra não tem alça. Que perversidade a vossa! Como se o oleiro fosse igual ao barro, e a obra dissesse do seu artífice: Ele não me fez; e a coisa feita dissesse do seu oleiro: Ele nada sabe.*”

9:21

“Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra?”

A linguagem utilizada pelo apóstolo neste verso é comparativa e retórica (técnica de argumentação), Paulo quer ilustrar que Deus é soberano e não pode ser questionado quanto à Sua justiça, por ter criado homens que não corresponderam a Ele, ao Seu chamado e que conseqüentemente tornaram-se “vasos de desonra”, por seus atos pecaminosos (“*Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da*



*revelação do justo juízo de Deus,”*Rm 2.5), cujo destino é a ira do Senhor. O desejo de Deus é a salvação de todos (*“Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.”* I Tm 2.3,4), mas em seu eterno propósito, a vontade humana também é considerada, ou seja, no processo de salvação há o concurso do homem no propósito divino.

9:22

“Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição,”

Este verso começa com a aplicação da ilustração do vaso, mas a presença da palavra grega *de* (mas, contudo) no começo do versículo informa o leitor que o modo de Deus para com a humanidade é um pouco diferente do modo de um oleiro para com a massa de barro. Enquanto o oleiro cria vasos para diferentes fins, Deus certamente nunca preparou ninguém para a destruição.

O verbo grego que aqui foi tomado por “preparados” (*katartizw katartizo*) seria melhor traduzido por ajustados, “maduros”, completados ou aperfeiçoados, transmitindo corretamente a idéia de que estes vasos não foram de fato criados para a destruição. Antes, eles se habilitaram para a destruição, desse modo tais vasos ou pessoas quando insistem em permanecer no processo de descida moral ao qual o pecado conduz, concomitantemente se ajustam ou se aperfeiçoam para a ira divina.

A longanimidade (*makroyumia makrothumia*=paciência, lit. grande ânimo) desse verso e corroborada por Romanos 2.4 (*“Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?”*) demonstra que o propósito dessa grande paciência de Deus é conduzir esses vasos de ira ao arrependimento, mantendo “a porta” de salvação aberta por mais tempo.

9:23

“A fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão,”

Há uma diferença fundamental entre o modo como Paulo descreve o procedimento de Deus para com os vasos da ira (v.22) e os vasos de misericórdia citados neste verso. São somente os vasos de misericórdia que são anteriormente preparados (*proetoimazw proetoimazo*= lit. preparar antes) para a glória. O plano de Deus para como homem é sempre salvá-lo.



9:24

“ Os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?”

Paulo retorna ao ensino de que não somente entre os judeus são encontrados vasos de misericórdia, mas também entre os gentios. O que significa que entre os judeus também são achados vasos de ira, contrariamente ao entendimento da maioria dos judeus.

9:25

“Assim como também diz em Oséias: Chamarei povo meu ao que não era meu povo; e amada, à que não era amada;”

Oséias foi um profeta designado para Israel, o reino das dez tribos (Os 7.1). Ele profetizou durante o oitavo século antes de Cristo, ou seja, num período de grande decadência moral e espiritual das tribos do norte, que culminou com a invasão da Assíria e conseqüente destruição das mesmas.

Em obediência à ordem divina, Oséias desposou uma mulher chamada Gomer a qual tornou-se uma mulher de prostituição e concebeu filhos de prostituição (Os 2.4): Jesreel, Lo-ruhamah (não minha amada) e Lo-ammi (não meu povo).

Oséias, em vez de rejeitar sua esposa, compra-a de volta e misericordiosamente a restaura a sua anterior posição de honra, agindo dessa forma simbolicamente quanto ao pecado, castigo e restauração de Israel ao favor divino. Entretanto quando Paulo faz uso dessa passagem (*“Semearei Israel para mim na terra e compadecer-me-ei da Desfavorecida; e a Não- Meu-Povo direi: Tu és o meu povo! Ele dirá: Tu és o meu Deus!”* Os 2.23), ele amplia o significado incluindo os gentios entre os que eram “não meu povo” e tornaram-se “meu povo”. O apóstolo Pedro também aplica esta passagem diretamente aos gentios: *“vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia. I Pe 2.10”* .

Paulo e Pedro aplicaram aos gentios um texto que claramente fala sobre a restauração de Israel, com a finalidade de enfatizar o princípio de que somente a graça compassiva e soberana do Senhor pode possibilitar à alguém, quer judeu quer gentio, tornar-se povo dEle.

9:26



“E no lugar em que se lhes disse: Vós não sois meu povo (no texto hebraico a palavra povo [Me „am] significa parente ou familiar), ali mesmo serão chamados filhos do Deus vivo.”

A graça de Deus tem o poder não somente de aproximar os homens de Deus mas também de transformá-los em seus filhos, ou seja, de torná-los Sua família. Os que foram alcançados por Cristo tem o privilégio garantido pela sua palavra de se auto-intitularem FAMÍLIA DE DEUS, o que implica, mesmo que timidamente, que necessariamente devemos evidenciar o Seu santo caráter em nossas vidas, pois PERTENCEMOS A FAMÍLIA DO DEUS VIVO.

9:27

“Mas, relativamente a Israel, dele clama Isaías: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo.”

Os dois versos anteriores demonstram que a chamada dos gentios é apoiada pelo Antigo Testamento como cumprimento de suas promessas. A partir deste verso, Paulo passa a utilizar o testemunho de Isaías com o objetivo de confirmar a doutrina de que a promessa do pacto não contemplava nem garantia a salvação de TODO O ISRAEL ÉTNICO (Rm 9.6-15).

A passagem do antigo Testamento do qual foi extraído os versos 27 e 28 encontra-se em Isaías 10.22 e 23 (*“Porque ainda que o teu povo, ó Israel, seja como a areia do mar, o restante se converterá; destruição será determinada, transbordante de justiça. Porque uma destruição, e essa já determinada, o Senhor, o SENHOR dos Exércitos, a executará no meio de toda esta terra.”*) e o seu contexto refere-se à indignação do Senhor executada sobre Israel, pela instrumentalidade da Assíria (Is 10.5). Da desolação, escaparia apenas um remanescente de Israel. Portanto essa passagem veterotestamentária explica porque a maioria dos judeus rejeitaram o evangelho.

O cumprimento imediato da profecia de Isaías ocorreu no retorno de um pequeno remanescente vindo da Babilônia, após o cativeiro; porém em seu escopo mais distante, a profecia se prolonga até os dias finais da presente dispensação, antes da volta de Cristo. De modo que Paulo entende que isso se cumpre nos judeus que assim como ele, foram chamados e são aceitos por Deus pela fé em Jesus Cristo.

9:28

“Porque o Senhor cumprirá a sua palavra sobre a terra, cabalmente e em breve;”



Isto significa que Deus como fez no passado (na invasão de Israel e Judá pela Assíria e Babilônia), não prolongará indefinidamente o período de longanimidade, diante da rebeldia de seu povo, mas que o Seu juízo virá (**angústia de Jacó [A Grande Tribulação]** Jr 30 4-7 *“São estas as palavras que disse o SENHOR acerca de Israel e de Judá: Assim diz o SENHOR: Ouvimos uma voz de tremor e de temor e não de paz. Perguntai, pois, e vede se, acaso, um homem tem dores de parto. Por que vejo, pois, a cada homem com as mãos na cintura, como a que está dando à luz? E por que se tornaram pálidos todos os rostos? Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será livre dela.”*).

9:29

“Como Isaías já disse: Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado descendência, ter-nos-íamos tornado como Sodoma e semelhantes a Gomorra.”

A ênfase no verso 27 é que somente um remanescente será salvo; aqui neste verso é explicado que o remanescente consistirá da descendência preservada, sem a qual a nação estaria destinada à plena destruição. Ambos os versos (27 e 29) estão intimamente relacionados ao pensamento do verso 28. O fato de que somente um remanescente será salvo revela a severidade e a extensão do julgamento executado. E o fato de que um remanescente será salvo evidencia o favor do Senhor e a garantia de que a sua promessa da aliança não falhará.

9:30

“Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justificação, vieram a alcançá-la, todavia, a que decorre da fé;”

Paulo passa a explicar que aqueles gentios que abraçaram a Cristo – têm obtido justiça pondo-se diante de Deus. Entretanto, no passado não buscaram obter a justiça no único lugar onde poderia ser encontrada. Neste tempo viviam em trevas morais e espirituais. Mas quando ouviram o evangelho, muitos daqueles gentios, pela graça de Deus, o aceitaram e assim obtiveram a justiça. Todavia, não era uma justiça baseada em sua própria bondade aos olhos de Deus. Era justiça de Deus, apropriada pela fé outorgada por Deus. Foi uma justiça adquirida pelo sangue redentor de Cristo.

9:31

“E Israel, que buscava a lei de justiça, não chegou a atingir essa lei”



Ao contrário dos gentios, Israel, ainda que sempre em busca da lei de justiça, buscando zelosamente alcançá-la fracassaram em obtê-la em atingi-la. Ela sempre iludiu a Israel.

9:32

“Por quê? Porque não decorreu da fé, e sim como que das obras. Tropeçaram (proskoptw proskopto=bater contra) na pedra de tropeço,”

A lei, com sua inflexível exigência de amor e obediência perfeitos, tinha a função de conduzir cada israelita para Deus com uma oração fervorosa: “Oh, Deus! Sê propício a mim, pecador”. Em vez disso, Israel concluiu que os homens seriam capazes, por seu próprio poder e com base em seus próprios recursos, de cumprir as exigências da lei. O resultado foi que Israel nunca teve êxito em sua meta, a lei sempre esteve a quilômetros a frente de Israel.

Paulo segue e vai à raiz do fracasso de Israel em conseguir a justiça. Tropeçaram ou se chocaram contra a pedra de tropeço (*“Ele vos será santuário; mas será pedra de tropeço e rocha de ofensa às duas casas de Israel, laço e armadilha aos moradores de Jerusalém. Muitos dentre eles tropeçarão e cairão, serão quebrantados, enlaçados e presos”*. Is 8.14,15).

9:33

“Como está escrito: Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido (vwX chuWsh [no texto hebraico]= apressar, mostrar pressa).”

A citação é uma combinação de duas passagens de diferentes propósitos em seu contexto original (*“Ele vos será santuário; mas será pedra de tropeço e rocha de ofensa às duas casas de Israel, laço e armadilha aos moradores de Jerusalém. Muitos dentre eles tropeçarão e cairão, serão quebrantados, enlaçados e presos”*. Portanto, assim diz o SENHOR Deus: *Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge”* Is 8.14,15; 28.16). Na primeira, o Senhor dos Exércitos seria pedra de tropeço e rocha de ofensa às duas casas de Israel. De acordo com a segunda Ele seria uma pedra já provada, que seria posta em Sião para servir de alicerce, tendo o propósito de fornecer estabilidade e segurança (**aqueles que creem nEle não se apressam, ao contrário descansam “na rocha”, não se afligem, não temem, mantém a cabeça fria quando todos à sua volta estão perdendo a cabeça; estão certos que Deus no tempo certo cumprirá Seu propósito**). Paulo



aplicou este duplo aspecto para explicar o fracasso de Israel e o sucesso dos gentios em obter a justificação, mostrando que na verdade as Escrituras haviam predito o duplo resultado. O principal interesse, entretanto, é a confirmação do TROPEÇO DE ISRAEL.